
Ana Sofia LARANJINHA

Linhagens arturianas na Península Ibérica: o tempo das origens

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.

revues.org

Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le Cléo, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Référence électronique

Ana Sofia LARANJINHA, « Linhagens arturianas na Península Ibérica: o tempo das origens », *e-Spania* [En ligne], 11 | juin 2011, mis en ligne le 09 juin 2011. URL : <http://e-spania.revues.org/20317>

DOI : en cours d'attribution

Éditeur : SEMH-Sorbonne

<http://e-spania.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne sur :

<http://e-spania.revues.org/20317>

Document généré automatiquement le 15 juin 2011.

© e-Spania

Ana Sofia LARANJINHA

Linhagens arturianas na Península Ibérica: o tempo das origens

1 A literatura arturiana, sobretudo no que ao romance em prosa diz respeito, encontrou na Península Ibérica medieval um público restrito, mas interessado, como podem testemunhar as traduções que até nós chegaram de alguns desses textos, em suportes infelizmente quase sempre muito mutilados. Os que entraram em Portugal e foram traduzidos para galego-português pertencem, todos eles, ao ciclo do Pseudo-Boron¹, redigido, provavelmente, durante a terceira década do séc. XIII.

2 Neste conjunto textual, seis romances, compostos por diversos redactores e com tipos de escrita e traços ideológicos sensivelmente diferentes, articulam-se para formar um todo coerente. Alguns partilham personagens, outros partilham temas, todos remetem, de alguma forma, para os textos que os precedem ou lhes sucedem na organização da narrativa. Apresentá-los-ei de acordo com a cronologia da acção e não com o tempo da escrita, sobre o qual, aliás, existem ainda muitas dúvidas.

- A *Estoire del Saint Graal*², uma versão expandida do *Joseph d'Arimathie en prose* de Robert de Boron, narra as origens do Graal e a dupla missão de José de Arimateia, de seu filho Josefes e dos seus companheiros, os primeiros guardiães desta relíquia que convertem a Grã-Bretanha ao cristianismo, assim como as origens da cavalaria e da monarquia cristãs, onde se enraízam as linhagens cujo fruto mais precioso será o futuro herói do Graal.
- A prosificação do *Merlin* de Robert de Boron³, outro romance das origens, narra a concepção de Artur e a sua subida ao trono da Grã-Bretanha e é completada por uma continuação falsamente atribuída ao mesmo autor, a chamada *Suite du Roman de Merlin*⁴, que tem também como protagonistas Merlin e Artur e se desenvolve em torno da difícil afirmação do jovem Artur nos primeiros anos do seu reinado, insistindo particularmente na preparação do fim do reino de Logres.
- O *Lancelot en prose*⁵, longo romance biográfico de Lancelot, relata as aventuras do amante de Genebra e de muitos outros cavaleiros da Távola Redonda e anuncia o tema da demanda do Graal, que será levada a cabo por Galaaz, o casto filho de Lancelot.
- O *Tristan en prose*⁶ retoma o modelo do romance biográfico, associando-o desta vez à história de Tristão e Iseu, que entrelaça com as aventuras cavaleirescas dos companheiros da Távola Redonda, mas recua até à época da cristianização da Grã-Bretanha para narrar as aventuras dos antepassados de Tristão, cobrindo assim um vasto arco temporal que tem início na época em que se desenvolve a parte final da acção da *Estoire*, desenrolando-se, porém, maioritariamente em período contemporâneo do *Lancelot*.
- A *Queste del Saint Graal* do Pseudo-Boron, que integra a *Mort Artu*⁷, relata a aparição miraculosa do Graal na corte arturiana e a busca desta relíquia pelos cavaleiros da Távola Redonda, dando conta do fracasso dos cavaleiros reprovados e da conclusão da demanda pelos cavaleiros eleitos, entre os quais se destaca Galaaz, antes de retomar o tema da destruição do reino de Logres nas lutas fratricidas provocadas pela revelação do adultério de Lancelot e Genebra e pela traição de Mordret.

3 É provável que este ciclo tenha entrado em Portugal quase imediatamente após a sua redacção, ainda nos anos quarenta do séc. XIII, aquando do regresso ao reino do Conde de Bolonha, o futuro Afonso III⁸. Nesse momento, este conjunto textual circularia ainda na sua integralidade, sendo compreendido como um todo coerente. O facto de terem chegado até nós, em galego-português, testemunhos de quatro dos cinco romances que o constituem parece comprová-lo⁹. Este aspecto é particularmente importante porquanto o ciclo do Pseudo-Boron foi rapidamente suplantado, em França, pelo mais apreciado ciclo da Vulgata e pela autonomização de alguns dos romances que o constituíam, nomeadamente o *Tristão em prosa*. A visão que um estudioso da Literatura Arturiana pode ter destes textos a partir dos seus testemunhos ibéricos é portanto privilegiada e pode levar ao esclarecimento de muitos pontos obscuros da sua génese.

- 4 Mas para compreendermos como funcionam e que propósitos servem as linhagens no ciclo do Pseudo-Boron, será necessário recuarmos um pouco, até às origens do romance arturiano.

As linhagens na génese da primeira fase do ciclo arturiano em prosa

- 5 Quando, no último quartel do século XII, Chrétien de Troyes compõe, a mando da Condessa Marie de Champagne, *Le Chevalier de la Charrette*, Lancelot é um cavaleiro de quem não se conhece nem linhagem, nem pai. Equiparável, pela condição social aparentemente modesta, aos trovadores que, nas cortes occitânicas, dirigiam as suas composições poéticas à *domna*, colocando-se voluntariamente numa situação de submissão, Lancelot é um estrangeiro na corte arturiana, um cavaleiro que nenhum grupo de parentesco suporta e que se afirmará, exclusivamente, graças às suas qualidades individuais. Neste aspecto, como em tantos outros, Lancelot é um caso particular, opondo-se aos outros heróis de Chrétien, como Erec, filho do rei Lac e seu herdeiro, Yvain, bem integrado na corte de Artur e assumindo a missão de vingar a desonra de seu primo co-irmão Calogrenant, ou Perceval, hesitando entre o brilho da corte arturiana e o mundo mais sombrio do reino do Graal, ao qual está ligado por uma relação avuncular. Ora, a condição relativamente marginal de Lancelot não deixa de ser compreensível, se tivermos em conta que a sua relação amorosa com Genebra é a única, em toda a obra conhecida de Chrétien, que podemos considerar como narrativização da *fin'amors*, condenada à partida ao segredo e à efemeridade¹⁰.
- 6 O *Lancelot en prose*, longo romance biográfico redigido na segunda década do século XIII, quebra a atemporalidade¹¹ característica dos romances do clérigo de Champagne e recua até à infância do protagonista, dotando-o de uma origem. O amante de Genebra pertence agora a uma linhagem régia: é filho do rei Ban, que vira a sua cidade de Benoit destruída e perdera a vida sem que o suserano, Artur, viesse em seu auxílio. É portanto um cavaleiro deserddado, reduzido à condição de dependente, mas cuja excelência cavaleiresca o tornará indispensável ao rei de Logres. A sua preeminência no seio da corte arturiana é reforçada pelo facto de Lancelot ser o chefe daquela que se vai revelando como a mais poderosa linhagem do reino, que se demarca pelo valor excepcional dos seus membros. Por sua vez, a reescrita do *Lancelot en prose*, identificada por Elspeth Kennedy e por ela designada *Lancelot* “cíclico”, incorporando a matéria do Graal e integrando o romance num vasto conjunto textual em elaboração, põe em evidência a gravidade do adultério de Lancelot e Genebra e anuncia a vinda de Galaaz, espécie de novo Lancelot purificado, o único que poderá tomar o seu lugar como melhor cavaleiro do mundo e alcançar o sucesso na busca do Graal¹².

A Estória do Santo Graal, romance das origens

- 7 A *Estória do Santo Graal*, amplificação do *Joseph d'Arimateia en prose* de Robert de Boron, narra, como vimos, a história do Graal desde que nele se recolhe o sangue de Cristo até à sua transferência para a Grã-Bretanha, contemporânea da cristianização deste território. Mas fá-lo integrando a herança do *Lancelot* “cíclico”, em relação ao qual se constitui como uma continuação retrospectiva. Assim, no texto que abre o grande ciclo em prosa, o herói anunciado da Demanda já não será Perceval, como no *Conte del Graal* de Chrétien de Troyes e na trilogia de Robert de Boron, de que o *Joseph* era a primeira peça, mas Galaaz, o filho de Lancelot. Por outro lado, José de Arimateia conta com o auxílio do filho Josefes, o primeiro bispo da Cristandade, sagrado sobrenaturalmente por Cristo. É Josefes o responsável pela conversão do primeiro cavaleiro cristão, Nascimento, e, depois, pela do seu cunhado Evalac, que tomará o nome de Mordaim e será o primeiro monarca a abraçar a religião cristã. A dimensão fundadora destas três figuras está bem patente nas palavras de José Carlos Miranda :

Josefes, Nascimento e Mordaim são [...] as personagens que dão corpo às três instituições que reúnem em si a legitimidade do exercício dos diversos tipos de poder instituídos por Cristo numa sociedade humana: o sacerdócio, a cavalaria e a realeza¹³.

- 8 A *Estória do Santo Graal* é portanto um romance das origens, que ancora no tempo mais remoto –no momento equivalente à criação do mundo que é o da paixão de Cristo e da

conversão ao cristianismo— as personagens e os valores do ciclo romanesco, num processo de legitimação que assenta na ligação ao passado fundacional. Com efeito, tanto José de Arimateia e Josefes como Nascião e Mordaim são elementos fundadores de linhagens cujos descendentes viremos a encontrar em alguns dos outros romances do ciclo arturiano em prosa. A amplificação relativamente ao pequeno ciclo de Robert de Boron, assim como a necessidade de integrar a matéria do *Lancelot* fazem-se sentir também no que diz respeito à construção genealógica.

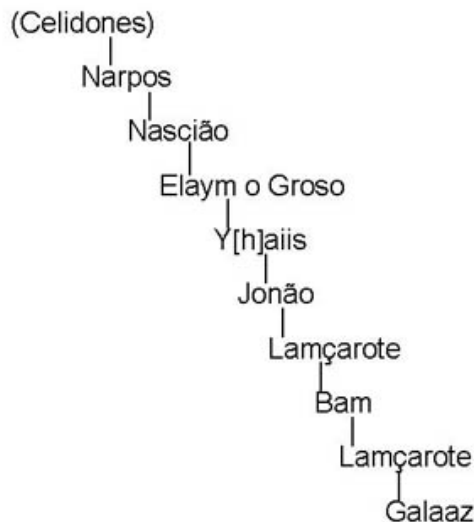
9 Começemos por José de Arimateia. No *Joseph*, o primeiro romance de Boron, José é tio materno de Alain, filho de Bron, o rei Pescador, e delega-lhe a guarda do Graal¹⁴. Alain deverá transmitir a mesma missão ao seu filho, referido como o «terceiro homem» desta genealogia, que no terceiro livro deste pequeno ciclo, intitulado *Perceval*, será o herói da demanda. Boron retoma, portanto, o protagonista do *Conte del Graal* de Chrétien de Troyes como herói do Graal e adopta o modelo de sucessão avuncular, que era também o que se sugeria naquele romance, desenvolvendo a genealogia do Graal, num segundo tempo, de acordo com o sistema patrilinear. Nesta trilogia em que a representação do tempo assenta em modelos simbólicos, sem qualquer preocupação de verosimilhança¹⁵, a associação dos dois sistemas de parentesco parece traduzir, condensando-a, uma tendência historicamente documentada.

10 A *Estória do Santo Graal*, num processo que poderíamos qualificar como des-legitimatório, apaga os laços de consanguinidade que, no *Joseph d'Armathie*, uniam os guardiães do Graal ao seu primeiro depositário. Aqui, Bron não é cunhado de José, mas apenas um «parente chegado» de Josefes, filho de José de Arimateia, que passa para o filho de Bron, Elaim, a guarda do Graal, depois de a ter recebido de seu pai¹⁶. Num romance em que a construção genealógica assume um papel absolutamente fundamental, a solução de continuidade operada na fase inicial da genealogia dos guardiães do Graal não pode ser inocente. Na verdade, trata-se de uma estratégia que se integra num desígnio mais vasto: desde que o *Lancelot* anunciara como herói da demanda Galaaz em substituição de Perceval, o protagonista dos primeiros textos do Graal, era necessário reduzir a importância da personagem e do seu grupo de parentesco original.¹⁷ Assim, não apenas Perceval é afastado da genealogia dos Reis Pescadores, como esta passa a ser secundária na construção das origens do herói do Graal, nitidamente inferior à da linha paterna, como veremos.

11 Outro aspecto que contribui para a desvalorização desta antiga genealogia é o facto de José de Arimateia ser efectivamente o fundador de uma outra linhagem, desta feita rigorosamente patrilinear e sem quebras: aquela que se desenvolve a partir do filho mais novo, Galat o Forte, que sobe ao trono de Ochelic (Hoselice) por decisão de seu irmão Josefes e em reconhecimento do seu excepcional valor. Da união com a filha do rei das *Lomgas Ymsolas* nasce Alavor e daquele Alavor sayo depoyts por dyreyta geração de hũ ã outro el rei Urião e deste rei Urião sayo Ivão, aquele que tamtas proezas fez no tempo del rei Artur...»¹⁸. O facto de esta linhagem, apesar de tudo secundária, descender por via agnática do fundador é mais uma forma de rebaixar a que a ele se liga apenas por uma vaga afinidade.

12 Em contrapartida, a *Estória do Santo Graal* ergue ao mais alto nível a linhagem que se inicia com Nascião, o primeiro cavaleiro cristão. Representada por duas vezes em sonho¹⁹, objecto de exaustiva enumeração numa carta que Nascião recebe miraculosamente durante uma visão²⁰, distinguida pelo favor divino, é a linhagem cavaleiresca a que merece maior destaque neste romance.

A linhagem de Nascimento na *Estória do Santo Graal*



- 13 Nascião é o fundador, mas o primeiro ramo será Celidones, seu filho, o primeiro primogénito varão²¹, aquele onde se reúnem, por via consanguínea, a herança de seu pai, o primeiro cavaleiro cristão, e por via da aliança, a de seu tio por afinidade, o primeiro rei, Mordaim.
- 14 Também aqui, a *Estória do Santo Graal* recusa o avunculato como relação de parentesco legitimadora. O rei Mordaim, casado com a irmã de Nascião, está ligado à linhagem do cavaleiro apenas por aliança e pelo vínculo feudo-vassálico²². Por outro lado, a superioridade ética e espiritual de Nascião relativamente a Mordaim é inequívoca²³. O rei, que antes de se converter se entregava a práticas sexuais inconfessáveis, resiste durante mais tempo a renegar o paganismo, o que é aliás evidenciado no nome que adopta quando se converte: Mordaim significa «tardynheyro ã fee»²⁴. Acrescente-se que ambos beneficiam da visão do Graal, mas enquanto Nascião sofre apenas uma cegueira momentânea²⁵, Mordaim é duramente atingido e fica reduzido a esperar nove gerações pela vinda do Bom Cavaleiro, que o curará da cegueira e da paralisia²⁶. O facto de, apesar da proximidade afectiva e da colaboração muito estreita com Nascião e Celidones, o rei Mordaim não estar ligado pelo sangue ao futuro herói do Graal poderá, pois, como defende Isabel Correia, dever-se a uma estratégia consciente: a de estabelecer hierarquias, isolando a linhagem cavaleiresca, sacralizando-a e cristalizando-a na sua rigidez patrilinear, sem deixar de a associar simbolicamente, desde a origem, à instituição régia²⁷.
- 15 Na *Estória do Santo Graal*, a preferência pelo modelo agnático é inequívoca e é mesmo simbolicamente reforçada, no que diz respeito à linhagem de Nascião e Celidones, por uma representação idealizada, diríamos mesmo, estilizada que exclui qualquer referência às mulheres, mesmo às que intervêm na narrativa. Numa das visões de que é beneficiário, Nascião vê Celidones e nove homens coroados que representam os seus descendentes. Na carta que recebe miraculosamente nessa ocasião, lê os nomes dos nove homens (Narpos, Nascião, Elaym o Groso, Y[h]aiis, Jonão, Lamçarote, Bam, Lamçarote, Galaaz), os mesmos que são representados por nove rios que correm de um lago saído do ventre de Celidones, no sonho já referido do rei Mordaim²⁸.
- 16 No entanto, numa obra que desenvolve exaustivamente as origens do herói do Graal, a sua ligação genealógica ao mundo feminino, avançada pelo *Lancelot en prose*, não podia ser ignorada. Assim, a origem davídica da genealogia da mãe de Lancelot, Helena²⁹, é retomada e desenvolvida com o episódio da Barca de Salomão³⁰, mandada construir pelo rei bíblico com o objectivo de transmitir ao cavaleiro do Graal a memória da sua origem e os emblemas do poder. Os elementos da linhagem davídica, porém, não chegam a ser enumerados e a *Estória do Santo Graal* nunca menciona Helena, numa clara desvalorização da via feminina de descendência. Por outro lado, a ligação de Galaaz aos Reis Pescadores, que também fora introduzida pelo *Lancelot en prose* através do episódio da concepção do cavaleiro do Graal, filho de Amida,

a filha do rei Pelles, e de Lancelot, o melhor cavaleiro do mundo³¹, mantém-se e assume, na *Estória do Santo Graal*, maior relevância do que a sua ligação aos reis do Antigo Testamento, como se verá adiante, o que se justifica pelo facto de se relatar, neste romance, a história da relíquia cristã, de que os Reis Pescadores são os guardiães.

- 17 Retomemos agora alguns dados relevantes. Das três linhagens escolhidas que desembocarão no Bom Cavaleiro, as duas herdadas de obras anteriores ligam-se a Galaaz através, respectivamente, da mãe e da avó paterna. A única que se desenvolve sempre por via masculina, a de Nascimento, é não só a que devemos ao redactor da *Estoire*, mas também a que ele destaca como a mais importante. Ora, ao contrário da linhagem dos Reis Pescadores e da que tem origem no Antigo Testamento, esta é uma linhagem de cavaleiros. Não pelo facto de nenhum dos seus elementos vir a ostentar a coroa régia –sabemos que Ban e Boorz, pai e tio de Lancelot, são reis, e não são os únicos no seio desta genealogia– mas porque a *Estória do Santo Graal* coloca na sua origem uma personagem que representa a cavalaria na sua função essencial de braço armado da realeza, Nascimento³². Também os dois protagonistas da primeira fase do ciclo arturiano em prosa, Lancelot e Galaaz, nunca aspirarão à dignidade régia, afirmando-se, pelo contrário, como os melhores cavaleiros do mundo³³. Lancelot, embora descendente de reis, nunca assumirá a coroa. Galaaz será rei apenas um ano, no final da vida, já depois de alcançado o Graal, e nada sabemos sobre os aspectos terrenos do seu reinado³⁴.
- 18 Ora, na literatura arturiana, o rei por excelência, aquele a quem devem vassalagem não só cavaleiros e nobres senhores, mas reis vindos de toda a cristandade, é Artur. No seu caso, a legitimação não provém da antiguidade da linhagem, mas da eleição divina aquando do episódio, que o *Merlin* herda do *Brut* de Wace, em que ele retira de uma pedra a espada enviada por Cristo³⁵. Artur é filho de rei, é certo, mas bastardo, visto que foi concebido fora do casamento, como recorda o *Lancelot en prose*, sublinhando que o direito a herdar o trono de Logres lhe foi outorgado por Deus:

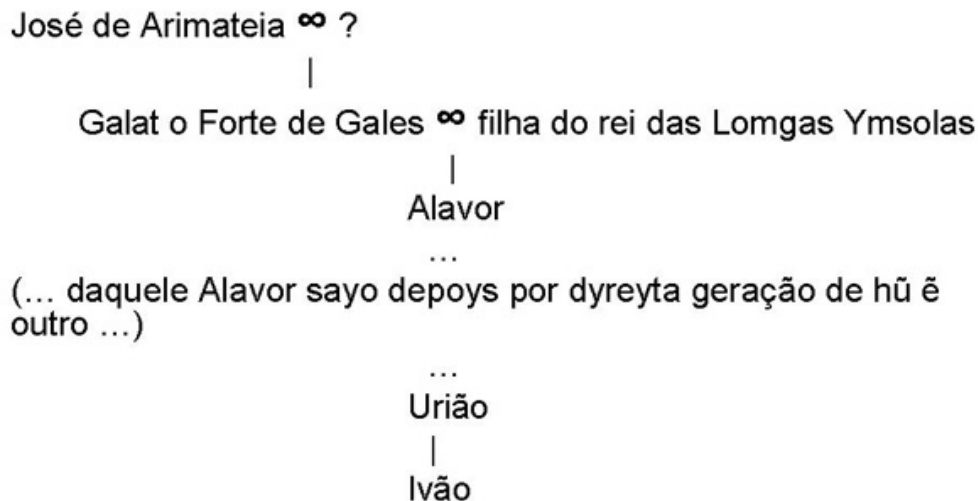
[...] *tu ses bien que tu ne fus engendrés ne nés par assablement de loial mariage, mais en si grant pechié com est avoltires : si dois savoir que nus hom mortex ne te baillast a garder la signorie que tu tiens mais que Dieu seulement [...]*³⁶.

- 19 No ciclo arturiano, as suas origens são surpreendentemente recentes para uma figura de primeiro plano, não indo além do avô, o rei Constant. Mais surpreendente ainda se torna este facto se tivermos em conta que um texto conhecido de todos os redactores arturianos, a *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey of Monmouth, desfiava a linhagem dos reis da Bretanha recuando até Brutus, neto de Eneias. No entanto, a ascendência troiana de Artur é ignorada no romance arturiano cíclico, e nomeadamente na *Estória do Santo Graal*, romance das origens, onde se esperaria que fosse abordada³⁷.
- 20 É sabido que, na Europa Ocidental, a consciência genealógica se manifesta primeiro no contexto das dinastias régias e que só mais tarde se estende à aristocracia. Do mesmo modo que nos rituais de investidura ou de homenagem, assistimos a uma apropriação das prerrogativas e dos símbolos régios pela nobreza, numa atitude de emulação que raia o desafio. Essa emulação pode socorrer-se da construção de linhagens que ultrapassam, em antiguidade, as linhagens dos reis: assim acontece no ciclo arturiano em prosa, mas também nos Livros de Linhagens portugueses, onde as genealogias aristocráticas se enraízam num território a que o rei chegou tarde, vindo de fora³⁸. Entre muitos outros aspectos, esta estratégia do redactor arturiano poderá ter contribuído para uma recepção favorável da *Estoire del Saint Graal* entre a nobreza portuguesa.
- 21 Poderia objectar-se que o silêncio relativamente às origens da linhagem de Artur na *Estória do Santo Graal* se explicaria pelo facto de esta obra se concentrar apenas nas origens do herói do Graal, não fora o facto de aqui encontrarmos, também, a génese das linhagens dos reis Urien e Lot, pais, respectivamente, de Yvain e Galvão e casados com as duas irmãs do rei da Grã-Bretanha. Esta apresentação das genealogias dos dois cunhados de Artur torna o silêncio sobre as suas origens verdadeiramente ensurdecador. É provável que a parte do romance em que

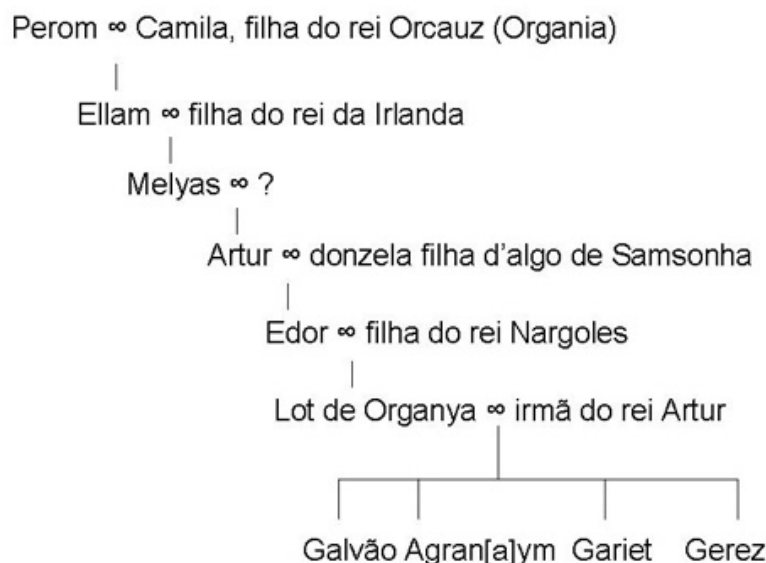
se inserem as duas narrativas em questão corresponda já a uma segunda fase de redacção da *Estoire del Saint Graal*³⁹, uma fase em que as preocupações espirituais estão menos presentes e em que as referências à linhagem são simultaneamente mais frequentes e simbolicamente menos elaboradas. Nesta parte final, que corresponde, grosso modo, a um décimo do romance, o redactor não apenas multiplica as referências prospectivas à matéria narrativa do *Lancelot*, como parece adoptar o modelo da literatura genealógica, acumulando, nos breves capítulos finais, a enumeração dos antepassados de Urien e Lot, mas também dos reis Pescadores⁴⁰ e dos descendentes de Celidones⁴¹, que aliás já haviam sido referidos.

22 As linhagens de Urien e Lot –cujas origens são relatadas em narrativas quase contíguas– estão ambas relacionadas com José de Arimateia. O fundador da primeira, Perom, é parente de Josefes, enquanto Galat o Forte, o iniciador da segunda, é seu irmão. No entanto, se compararmos a enumeração dos seus membros com a que encontramos nas visões e na carta relativas à linhagem de Nascião, facilmente nos aperceberemos de uma diferença essencial: enquanto a representação da linhagem escolhida se resumia a uma sucessão de homens, num modelo cuja extrema simplicidade parece corresponder a uma máxima idealização, as linhagens dos cunhados de Artur referem as mulheres, designando-as, não pelos seus nomes de baptismo, que as identificariam individualmente, mas pela relação que as torna valiosas na afirmação do poder: a filiação régia ou, pelo menos, a origem aristocrática.

A linhagem de Urien na *Estória do Santo Graal*

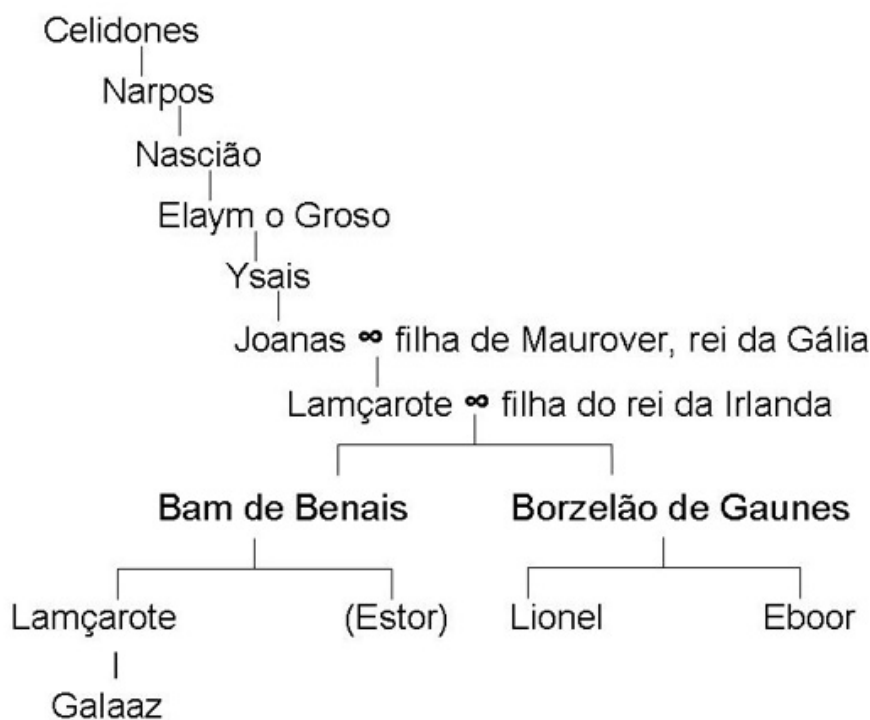


A linhagem de Lot na *Estória do Santo Graal*



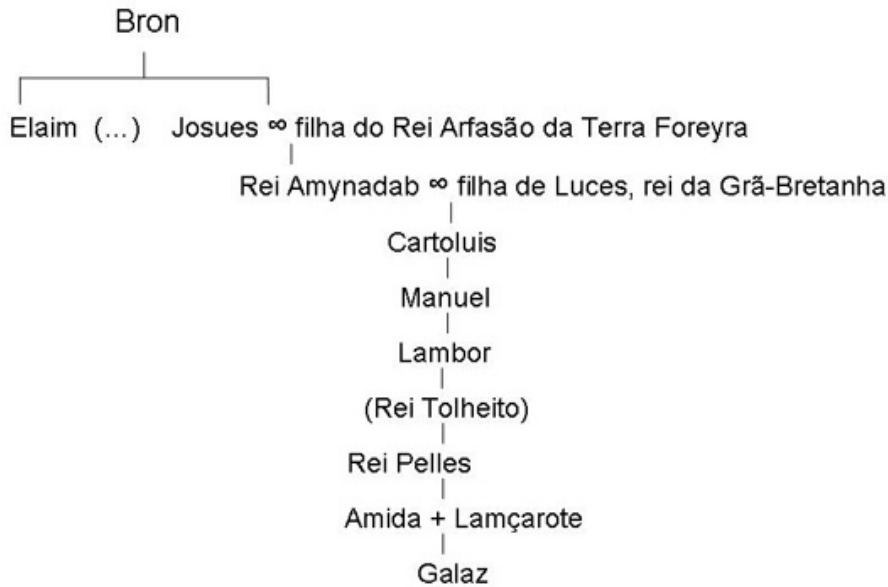
- 23 O modelo de parentesco é, também aqui, rigorosamente patrilinear, mas as estratégias habituais de afirmação do poder da nobreza coeva, nomeadamente a hipergamia, são mais evidentes. Por isso, a ligação à terra está também mais presente nestas linhagens: o aparecimento dos topónimos «Gales» e «Orcanie» explicam-se, respectivamente, pela adopção dos nomes de Galat o Forte e Orcauz, o sogro de Perom, numa curiosa inversão do processo, atestado pelos historiadores, de adopção pelas famílias nobres do nome do território onde se haviam fixado⁴².
- 24 Um leitor menos atento poderia ser levado a pensar que o redactor da *Estória do Santo Graal* pretendia, com esta estruturação menos rigidamente linear das genealogias de Urien e Lot, distingui-las das linhagens dignificadas pelo carisma divino, e nomeadamente da de Nascião. Porém, na parte final do romance, também estas são enumeradas de acordo com os mesmos princípios. Na linhagem de Nascião, além das variantes gráficas, introduz-se a referência a dois casamentos hipergâmicos –de Joanas com a filha do rei da Gália e do rei Lamçarote com a filha do rei da Irlanda⁴³– e a vários elementos de ramos colaterais– o irmão de Ban e seus filhos; o irmão bastardo de Lancelot.

A linhagem de Nascião na *Estória do Santo Graal*. Última enumeração



- 25 No que diz respeito à linhagem dos Reis Pescadores, o novo redactor acrescenta a referência ao casamento de Josué, irmão de Elaim, que herdará a guarda do Graal. Anteriormente, numa importante cena que já remontava ao *Joseph d'Arimateia*, Josefes prometera aos onze irmãos de Elaim, o virgem, que os casaria todos⁴⁴. Agora, ficamos a saber que, já depois da morte do filho de José de Arimateia, ainda há um filho por casar⁴⁵ –pequena incoerência que parece denunciar a reescrita. Josué fará um casamento hipergâmico com a filha do rei da Terra Foreyra (ou Foranha), reino que herdará e transmitirá aos seus descendentes. O seu filho, Aminadab, casará com a filha do rei Luces da Grã-Bretanha: mais uma mulher que prestigia a linhagem pela filiação régia. Depois, segue-se uma lista que retoma a depurada linearidade da primeira fase de redacção da *Estória do Santo Graal*: apenas homens que vão passando ao filho unigénito a missão de guardar o Graal.

A linhagem dos Reis Pescadores na *Estória do Santo Graal* (Parte final)



- 26 Apesar das diferenças ditadas pelos ritmos de redacção do romance, alguns princípios fundamentais caracterizam a concepção de linhagem na *Estória do Santo Graal*. Todas as genealogias são, como vimos, rigorosamente agnáticas, constituindo-se, cada uma delas, como uma sucessão ininterrupta e distinta, enraizada num passado prestigiante. Com Galaaz, o herói da Demanda, as três linhagens escolhidas unir-se-ão sem que a sua identidade seja posta em causa, pois cada uma delas está legitimada pelo carisma divino e a prolecta idade. Veremos, porém, que a construção genealógica no ciclo do Pseudo-Boron pode polarizar sentidos muito diferentes.

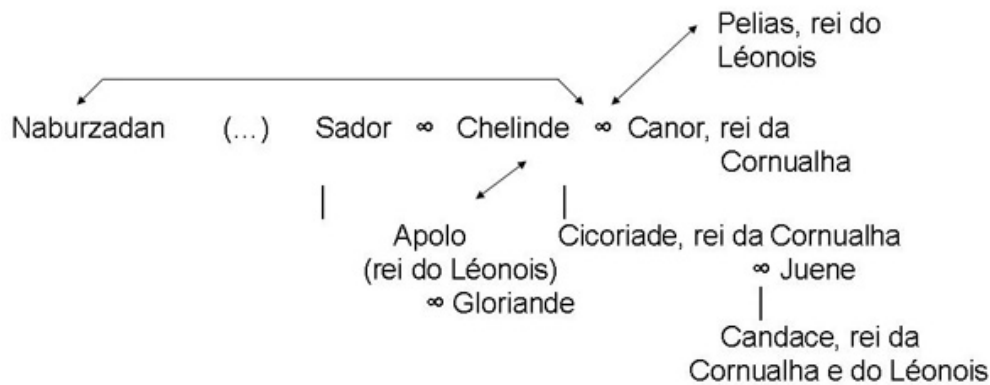
A pré-história do *Tristão em Prosa*: o caos inicial

- 27 O *Tristão em Prosa* é uma peça fundamental do ciclo do Pseudo-Boron. Embora seja possível detectar várias fases de redacção neste romance muito longo e heterogéneo, o que me interessa explorar aqui é apenas a primeira fase que identifiquei⁴⁶ e, dentro dessa fase, a parte inicial do romance, habitualmente designada «pré-história tristaniana», que narra as aventuras dos antepassados de Tristão e de seu tio, o rei Marc. Ao contrário do que acontece com a *Estória do Santo Graal*, que conservamos na sua totalidade num manuscrito em galego-português, do *Tristão em Prosa* peninsular apenas nos chegaram fragmentos. Terei, portanto, de me socorrer das versões francesas, que neste passo do romance se apresentam em versão única.
- 28 As personagens da pré-história tristaniana são contemporâneas da cristianização da Grã-Bretanha e dos protagonistas da *Estória do Santo Graal*. O redactor do *Tristan* inicia, aliás, a narrativa com uma referência à missão de José de Arimateia e uma reescrita da cena do *Joseph*, retomada na *Estoire*, em que os doze filhos de Bron são interrogados sobre o seu futuro e em que todos decidem casar com excepção do mais novo, Elaim, que comunica a sua decisão de guardar a castidade para servir o Graal⁴⁷. O autor tristaniano acrescenta neste ponto a intervenção de Sador, o décimo primeiro irmão, que pretende seguir a sua própria vontade na escolha da futura mulher. A reacção de José de Arimateia é diametralmente oposta à que lhe havia suscitado a decisão de Elaim: este merecera os mais rasgados elogios e a promessa de vir a herdar a guarda do Graal; Sador é criticado por querer fugir à sua autoridade e avisado das consequências negativas de tão ousado projecto⁴⁸. Como seria de esperar, a profecia acabará por se realizar: Sador apaixonou-se por Chelinde, uma bela princesa pagã que só lhe trará dissabores. O filho rebelde de Bron, cuja paixão nefasta anuncia os amores infelizes de Tristão⁴⁹, contribui deste modo para integrar no ciclo arturiano em prosa o destino do amante de Iseu. Graças a esta cena inicial, a existência de Tristão afirma-se como um desvio relativamente ao recto caminho do Graal e o *Tristão em Prosa*, como um painel simetricamente

contrário ao da *Estória do Santo Graal*, um destino profano e imperfeito que se opõe ao percurso de salvação dos agentes da conversão da Grã-Bretanha. Na pré-história tristaniana, a subversão de modelos e motivos oriundos de diversas tradições literárias contribui para a construção de uma espécie de anti-linhagem, fundando na desordem as origens do amante de Iseu.

29 A *historia calamitatum* de Sador inicia-se quando ele avista pela primeira vez Chelinde, filha do rei da Babilónia, junto dos destroços do navio que deveria levá-la ao rei da Pérsia, a quem havia sido prometida. Chelinde vê-se assim privada do seu destino oriental e casa com Sador depois de se converter ao cristianismo. As semelhanças com outras narrativas fundadoras de linhagens ilustres –entre as quais se conta a de D. Marinha, do *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro– parece prometedora, tanto mais que a motivação para o casamento com a donzela parece ser, exactamente, a sua alta linhagem⁵⁰, mas cedo nos apercebemos de que não se trata aqui de uma representação ficcional do casamento hipergâmico, porquanto os noivos se vêem reduzidos a acolher-se na casa de um dos irmãos de Sador. Este, seduzido pela beleza fatal da jovem cunhada, viola-a e acaba por morrer às mãos do marido desonrado. Ao contrário do que seria o percurso ideal do jovem cavaleiro errante, é depois de casado que Sador parte à aventura, embarcando com Chelinde para fugir à vingança pelo homicídio do irmão. Mais uma vez, a desgraça afecta-os. Sador é atirado ao mar para aplacar uma tempestade pelos marinheiros pagãos, e Chelinde casada à força com Canor, rei da Cornualha⁵¹. Ora, Chelinde estava grávida do primeiro marido e Canor, avisado em sonhos de que o filho da mulher haveria de matá-lo, abandona a criança recém-nascida na floresta. Entretanto, nasce Cicoriade, o filho de Canor e Chelinde. Pouco depois, Chelinde é raptada por Pelias (rei do Léonois) e a disputa pela posse da bela rainha provoca a guerra entre os dois reinos vizinhos. Sador, excelente cavaleiro e desconhecendo em absoluto a identidade da nova Helena, começa por auxiliar Canor e depois Pelias, mas acaba por fugir com Chelinde quando reconhece a sua mulher desaparecida. Vão viver para um castelo que um amigo sem herdeiros deixa a Sador, e passam tantos anos em terra pagã que acabam por esquecer o cristianismo⁵². Mais tarde, o jovem Apolo, o filho de Chelinde e Sador, que fora educado longe da corte, mata, sem os reconhecer, Sador e depois Canor, isto é, o pai e o padrasto, cumprindo assim a edipiana profecia cuja realização Canor quisera evitar. Torna-se rei do Léonois e casa com a mulher mais bela do reino, que é ainda Chelinde, sua mãe. Santo Agostinho, em missão evangelizadora, aparece na corte e revela o crime de incesto: Apolo acredita e converte-se ao cristianismo; Chelinde persiste no erro e é fulminada pelo fogo divino.

30 A representação esquemática das origens da linhagem de Tristão torna evidente aquilo que o breve resumo que acabo de apresentar já mostrava: um dos princípios que norteiam a construção genealógica –a linearidade⁵³– é aqui totalmente subvertido. Chelinde une-se, sucessivamente, a cinco parceiros, sendo o último, o próprio filho, na negação mais absoluta da progressão temporal e da transmissão unilinear que caracteriza o ideal de linhagem. Também o regresso de Chelinde e Sador ao paganismo⁵⁴, que não tem paralelo em nenhum episódio da *Estoire*, se inscreve no mesmo paradigma regressivo.

A linhagem de Tristão e Marc no *Tristão em Prosa*

31 Outro aspecto muito característico da pré-história tristaniana é a complexa relação que se estabelece entre os reinos do Léonois e da Cornualha, respectivamente governados por Pelias e Canor, os dois reis que disputam Chelinde e que por ela entram em guerra. Trata-se de dois reinos vizinhos cuja fronteira, coberta de floresta, é frequentemente atravessada sem que as personagens disso se apercebam, o que motiva algumas peripécias e equívocos que não poderei aqui detalhar⁵⁵, mas que criam um poderoso efeito de dissolução dos limites. Como seria de esperar, a interpenetração dos espaços é simbolicamente reforçada por uma certa indefinição das personagens: por isso, Pelias, que entrou involuntariamente no reino de Canor, acaba por tomar, por uma noite, o seu lugar no leito conjugal sem que Chelinde se aperceba de que o fogueiro amante não é o marido. Mais tarde, Apolo, filho de Chelinde, substituirá no trono do Léonois o filho do terceiro marido da mãe, não porque se opte por uma qualquer modalidade de sucessão por via feminina, mas apenas porque era o homem certo no lugar certo. Na geração seguinte, os dois reinos outrora rivais uniram-se sob Candace, filho de Cicoriade, que por sua vez era filho de Canor e irmão de Apolo e que casara com Juene, irmã de Gloriande, a mulher de Apolo: também as políticas matrimoniais favorecem a confusão dos reinos.

32 Mas regressemos a Chelinde e às suas desventuras. Em consequência de uma série de mal-entendidos que resultam, directa ou indirectamente, das paixões inspiradas pela bela rainha e que têm lugar na floresta, espaço do crime e da confusão de identidades, os seus sucessivos parceiros acabam por morrer e ser sepultados no templo de Vénus, situado na fronteira dos dois reinos⁵⁶. Naturalmente, esta união no templo da deusa do amor das personagens que haviam sucumbido à sedutora Chelinde⁵⁷ vem confirmar a dimensão exemplar e misógina da narrativa⁵⁸, mas não é esse aspecto que mais me interessa sublinhar aqui. O que é significativo para o tema que nos reúne, é que os membros das duas linhagens e dos dois reinos –que já estão ligados pelo sangue e pelo incesto– sejam sepultados no mesmo panteão. É conhecida a importante função dos mosteiros na perpetuação da memória familiar, nomeadamente pela prática de sepultar, por sucessivas gerações, os membros da família benfeitora, sobre os quais recaíam, em troca, a protecção do local e as orações dos monges. A união *post-mortem* dos amantes de Chelinde, ainda para mais num espaço de fronteira entre os dois reinos, vem portanto sublinhar a confusão das linhagens.

33 Para R. Howard Bloch, o incesto do rei Artur funciona como uma ruptura linhagística de gravíssimas consequências :

Les relations d'Arthur et de sa soeur causeront la ruine de la parenté, de la royauté et de toute production poétique nouvelle [...]. En mettant fin à la lignée familiale, l'inceste met fin à une époque et à un livre [...]. Si l'effacement de la différence dans les liens familiaux ouvre une perspective, c'est celle d'une interruption lignagère et textuelle totale⁵⁹.

34 A história dos antepassados de Tristão é um flagrante desmentido das suas conclusões sobre o fim do livro –visto que, na verdade, esta narrativa inicial não apenas antecede, como anuncia e

condiciona uma pujante produção literária. Mas se pusermos de lado as discutíveis projecções metatextuais da sua reflexão sobre a linhagem, poderemos compreender o alcance da caótica pré-história tristaniana. Na verdade, esta parte inicial do *Tristão em Prosa* não se limita a desenvolver o tema da paixão amorosa de efeitos nefastos, antecipando os amores infelizes de Tristão e Iseu. Praticando, por diferentes meios, a arte de confundir, colocando na origem de tudo o incesto e associando-o à indefinição de fronteiras entre os reinos da Cornualha e do Léonois, respectivamente os reinos de onde provêm a mãe e o pai de Tristão, o redactor tristaniano expõe as origens obscuras do rei Marc, que quer denegrir, mas arrasta consigo o sobrinho e põe em evidência o carácter incestuoso da sua relação com Iseu, condenando, assim, a linhagem à nascença. Na verdade, tanto na *Estória do Santo Graal* como no *Tristão em Prosa*, faz-se sentir a mesma necessidade de ancorar o presente no passado remoto; nos dois romances, as origens ditam o destino dos heróis: o caos tristaniano levará à paixão suicida de Tristão e Iseu; a construção de um mundo novo, a que assistimos na *Estória do Santo Graal*, prepara já o advento do Bom Cavaleiro e a aventura do Graal.

Notes

1 Sobre o ciclo do Pseudo-Boron, veja-se José Carlos MIRANDA, *A Demanda do Santo Graal e o ciclo arturiano da Vulgata*, Porto: Granito, 1998 e Ana Sofia LARANJINHA, *Artur, Tristão e o Graal. E escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Robert de Boron*, Porto: Estratégias Criativas, 2010 (no prelo). Para uma tese alternativa relativamente à constituição do ciclo de que fariam parte os textos que transitaram para Portugal, cf. Fanni BOGDANOW, *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century Arthurian prose romance*, Manchester/New York: Manchester University Press / Barnes & Noble Inc., 1966.

2 Jean-Paul PONCEAU (ed.), *L'Estoire del Saint Graal*, Paris: Champion, 1997, CFMA 120-121, 2 vol.

3 Cf. Robert de BORON, *Merlin. Roman du XIII^e siècle*, Alexandre MICHA (ed.), Genève: Droz, 1979 ou a edição mais recente de Irene Freire NUNES, «Merlin» in: Philippe WALTER (dir.), *Le Livre du Graal*, Paris: Gallimard, 2001, 1, p. 569-805.

4 Gilles ROUSSINEAU, (ed.), Genève: Droz, 1996, 2 vol.

5 *Lancelot. Roman en prose du XIII^e siècle*, Alexandre MICHA, (ed.) 9 vol., Genève: Droz, 1978-1983.

6 Renée CURTIS (ed.), *Le roman de Tristan en prose*, (édition critique du début du *Tristan en prose* d'après le manuscrit Carpentras 404), Munich: Max Hueber, 1963 (1); Leiden: Brill, 1976 (2); Cambridge: D. S. Brewer, 1985 (3); Philippe MÉNARD (dir.), *Le roman de Tristan en prose*, Genève: Droz, 1987-1997, 9 vol.; *Id.* (dir.), *Le roman de Tristan en prose* (version du ms. fr. 757 de la Bibliothèque Nationale de France), Paris: Champion, 1997-2007, 5 vol.

7 A tradução portuguesa (Irene Freire NUNES (ed.), *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa: I.N.C.M., 2005) é o testemunho mais completo deste texto. Os fragmentos franceses do romance, completados, sempre que necessário, pelo texto português, foram editados por Fanni Bogdanow (*La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, 1, 2 e 4/1, Paris: SATF, 1991).

8 Esta hipótese, já avançada por Carolina Michaëlis e Rodrigues Lapa, foi retomada por Ivo Castro e José Carlos Miranda, que divergem, porém, quanto à constituição do ciclo e à data da sua tradução. Para Ivo Castro, a tradução teria sido feita ainda em meados do séc. XIII (cf. «Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata», *Boletim de Filologia*, 28, 1983, p. 81-98); José Carlos Miranda, apoiando-se na data relativamente tardia dos cantares trovadorescos que revelam um conhecimento profundo da matéria arturiana, afirma que *a tradução plena* [do ciclo] *deverá ter-se consumado talvez no último quartel do século* [XIII]. («Como o rei Artur e os cavaleiros da sua corte demandaram o reino de Portugal», *Colóquio-Letras*, 142, Out.-Dez. 1996, p. 94).

9 Uma tradução portuguesa da *Estória do Santo Graal* conserva-se n.º 643 da Torre do Tombo (veja-se a edição diplomática de Henry Hare Carter: *The Portuguese book of Joseph of Arimathea. Paleographical edition*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1967) e a *Demanda do Santo Graal* chegou até nós num manuscrito do séc. XV - o ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. Foram também identificados fragmentos da *Estória do Santo Graal* (cf., Simona AILENII, «O arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente», *Seminário Medieval 2007-2008*, José Carlos MIRANDA (ed.), Porto: Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade, 2009, disponível em: <http://www.seminariomedieval.com> (Guarecer on-line) e *Revista Galega de Filoloxía*, 10, 2009, p. 11-38), do *Livro de Tristan* e do *Livro de Merlin* (cf., Pilar LORENZO GRADÍN e José Antonio SOUTO CABO (ed.), *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición notas e glosario*, Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro / Xunta de Galicia, 2001). Do

único romance do ciclo que não está representado por nenhuma cópia em galego-português, o *Lancelot en prose*, subsiste um testemunho em castelhano (o ms. 9611 da B.N.E), que contém diversas interpolações de matéria narrativa do Pseudo-Boron (cf., Antonio CONTRERAS MARTÍN e Harvey SHARRER (ed.), *Lanzarote del Lago*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2006).

10 Cf., Emmanuèle BAUMGARTNER, *Chrétien de Troyes. Yvain, Lancelot, la charrette et le lion*, Paris: PUF, 1992, p. 68.

11 A acção dos romances arturianos de Chrétien desenvolve-se sempre num tempo não especificado. Partindo dos dados fornecidos pela *Historia Regum Britanniae* e pelo *Brut* de Wace, os críticos situam-nos nos anos de paz que se seguem à afirmação do poder de Artur nos primeiros anos do reinado e antecedem as guerras fratricidas que acabam por levar à destruição do reino. Ainda assim, como afirma Emmanuèle Baumgartner, «*Tout se passe alors comme si les récits de Chrétien suspendaient le temps arthurien [...] en un point du temps qui reste d'ailleurs non précisé, puis dilataient aux dimensions de l'oeuvre [...] un moment ainsi privilégié du règne/du temps mais dont la durée comme les limites restent incertaines. Un temps toujours présent, «présentifié», qui n'a ni début ni fin, ni passé ni futur.*» («Temps linéaire, temps circulaire et écriture romanesque», in: Yves BELLENGER (dir.), *Le Temps et la durée dans la littérature au Moyen Âge et à la Renaissance*, Paris: Nizet, 1986, p. 11).

12 Cf., Elspeth KENNEDY, *Lancelot and the Grail. A study of the prose Lancelot*, Oxford: Clarendon Press, 1986.

13 José Carlos MIRANDA, *Galaaz e a ideologia da linhagem*, Porto: Granito, 1998, p. 101.

14 Cf., William ROACH (ed.), «The Modena text of the Prose Joseph d'Armathie», *Romance Philology*, 9 (3), 1956, p. 337-338.

15 «*Si tost com li Rice Peschiere sea saisis del vaissel et de la grasse [...] il covient il que il atende le fil de son fil, et que il ceste grasse et icest vaissel que tu li commanderas a celui le recomant et rende [...]. Et lors sera acomplie entre vous la senefiance de la Trinité, qui est par trois.*» *Ibid.*, p. 341. Patrick MORAN («Mutations du temps romanesque, du *Petit cycle* de Robert de Boron au *Cycle Vulgate*», in: *Actes du 22^e Congrès de la Société Internationale Arthurienne*. Réunis et publiés en ligne par Denis HÜE, Anne DELAMAIRE et Christine FERLAMPIN-ACHER, Rennes: 2008, 16 juillet, Session L2-3, disponível em <http://www.sites.univ-rennes2.fr/celam/ias/actes/pdf/moran.pdf>) defende uma «leitura condensada» das três gerações referidas na trilogia de Boron, ao contrário de outros autores que tentam estender a vida das personagens para as adaptar aos dados pseudo-históricos da *Historia Regum Britanniae* e dos romances cíclicos, que situam o reino de Artur no séc. V: para Moran, «*Le ou les rédacteurs de la trilogie ont cherché à raconter le Graal d'une manière neuve, en le situant dans un devenir eschatologique qui engloberait à la fois l'époque de la Passion et le royaume arthurien; mais ils n'ont pas pensé, ou n'ont pas voulu, faire équivaloir ce devenir à la doxa historiographique arthurienne.*» (p. 16).

16 Cf., *Estoire*, p. 488 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 329-330.

17 É o que defende José Carlos MIRANDA, *Galaaz e a ideologia da linhagem*, p. 107.

18 *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 364. Cf., *Estoire*, 869, p. 552.

19 Refiro-me ao sonho de Mordaim em que o rei de Sarraz vê os nove rios que representam os descendentes de Celidones saírem de um lago que brota do ventre deste (cf., *Estoire*, p. 176-177 e p. 230-231 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 165 e p. 189-190) e ao de Nascimento, em que o cavaleiro vê os mesmos nove descendentes sob forma humana, e depois transformados em leões (cf., *Estoire*, p. 402-403 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 281-282).

20 Cf., *Estoire*, p. 403 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 281-282.

21 Como afirma Isabel CORREIA, «Nascimento é o fundador da linhagem de bons cavaleiros que começa a construir-se a partir do primogénito varão, Celidones» (*A Construção da "Linhagem Escolhida" no Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da Estoire del Saint Graal*, dissertação policopiada, Lisboa: Faculdade de Letras, 2003, p. 122). Ainda segundo a mesma autora, «Nascimento aproxima-se de um antepassado mítico.», *ibid.*, p. 66.

22 Note-se, porém, que, como defende Isabel Correia, «se atentarmos na sua relação com [Celidones] e nas relações familiares que o texto acentua, veremos que está muito próxima do avunculato» (*op. cit.*, p. 13). Na verdade, é Mordaim o primeiro a conhecer, através de um sonho, a descendência de Celidones, que parece ser o seu herdeiro, pois Mordaim só decide dedicar-se à vida contemplativa depois de casar o sobrinho (cf., *Estoire*, p. 476-477 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 322). Ainda segundo Isabel Correia, só uma frase desmente, na versão portuguesa, a relação avuncular: «[...] chamava sobrynho a Celydones por amor de sua molher cuJo sobrynho era[...]» (*The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 165). Nas citações da *Estória do Santo Graal*, seguimos a edição de Carter mas, para facilitar a leitura, optámos por introduzir pontuação e fazer a separação de palavras, grafando sempre os nomes próprios com maiúscula). No sonho em que Mordaim vê sair do seu ventre os nove rios que representam as nove gerações da linhagem de Nascimento, está bem patente a sua paternidade simbólica, que é confirmada no último romance do ciclo, a *Demanda*, onde Galaaz herda o seu escudo, que encontra

junto do túmulo de Nascião. Sobre a importância deste episódio para a definição da identidade de Galaaz, cf., J. C. MIRANDA, *Galaaz e a ideologia da linhagem*, p. 56-57.

23 Cf., Catalina GIRBEA, *La couronne ou l'auréole: royauté terrestre et chevalerie céleste dans la légende arthurienne (XII^e-XIII^e siècles)*, Turnhout: Brepols, 2007, p. 138-139, 142-144.

24 *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 155; cf., *Estoire*, p. 155.

25 Cf., *ibid.*, p. 154-155.

26 Cf., *Estoire*, p. 473-474 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 321-322. O narrador põe, aliás, em destaque a visão do Graal por Nascião, benefício que ele partilha com Galaaz: «[...] e bem asy como Nascião he ho primeiro homẽ que as maravilhas do greal vio [...] asy ho diz ho glorioso croçofoxo ao primeiro e ao derradeiro do precioso linhagẽ mostrarei eu as minhas maravilhas.» (*The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 161).

27 Cf., Isabel CORREIA, *op. cit.*, p. 18.

28 Como é evidente, o número nove, em que se insiste nos dois sonhos e na carta, tem uma dimensão simbólica (número da completude, nele ecoam as três gerações da trilogia de Boron), contribuindo para sublinhar a perfeição da linhagem cavaleiresca.

29 Cf., *Lancelot*, 7, p. 23.

30 Cf., *Estoire*, p. 260ss e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 205ss.

31 Cf., *Lancelot*, 4, p. 210.

32 Nascião desempenha um papel fundamental na batalha que opõe Evalac (o futuro Mordaim) e Tolomer. Cf., *Estoire*, p. 105ss e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 129ss.

33 Uma das linhas de sentido mais importantes da *Demanda do Santo Graal* é a defesa da cavalaria renovada, que Galaaz incarna e que encontra raízes e legitimação nas personagens e narrativas da *Estoire*. A este propósito, veja-se J. C. MIRANDA, *Galaaz e a ideologia da linhagem*, especialmente p. 191-194.

34 Cf., *A Demanda do Santo Graal*, cap. 626-627, p. 455-456.

35 Cf., *Merlin*, p. 268-269.

36 *Lancelot en prose*, 8, p. 13. Referindo-se ao episódio da espada na rocha do *Merlin*, Dominique Boutet afirma: «Arthur aurait-il été ainsi désigné par Dieu, aurait-il montré de pareilles qualités personnelles s'il n'avait été le fils du défunt roi? Derrière le masque de la double élection et des vertus personnelles, c'est la transmission héréditaire qui est célébrée ici», (*Charlemagne et Arthur ou le roi imaginaire*, Paris/Genève: Champion/Slatkine, 1992). Ainda que não se possa negar a importância da ligação genealógica ao rei Uterpendragon, a verdade é que a eleição divina passa para primeiro plano, de acordo com os princípios do augustinismo político.

37 No episódio em que Josefes é sagrado bispo por Cristo, o narrador anuncia que os reis da Grã-Bretanha serão unguídos com o mesmo óleo usado na cerimónia de investidura dos bispos desde Josefes, mas não se faz referência à sua genealogia. Além disso, o narrador afirma que esse óleo será perdido no tempo de Uterpendragon, o que retira legitimidade a Artur e seu pai. Este anúncio surge ligado à previsão da narração do episódio («[...] mas a istorea deste livro dira adiamte por que ele asy foi chamado e como aquele umgimento se perdeo quando ouve de ser[...]»), *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 117; cf., *Estoire*, p. 80), que porém não será abordado em nenhum outro ponto do ciclo arturiano, embora o *Merlin* apresente um breve relato da entronização de Artur, que inclui a unção, mas sem referir a origem do óleo utilizado (cf., p. 290). De qualquer forma, trata-se, ainda aqui, de um processo de legitimação divina que não assenta na linhagem, mas num ritual que podemos aproximar, pelo seu carácter pontual e cortês, do acto público de retirar a espada da pedra.

38 Pelo menos, no que diz respeito à ascendência paterna.

39 José Carlos Miranda, baseando-se numa análise sistemática das referências cruzadas entre a *Estoire del Saint Graal* e o *Lancelot en prose* que não poderei aqui reproduzir, emite a seguinte hipótese: «a *Estoire* teria sido redigida autonomamente até ao episódio da sepultura de Canaam junto dos seus doze irmãos e consequente milagre das espadas, ao qual se junta uma pequena antecipação de um episódio que irá ser relatado um pouco mais à frente, que é o do castigo de Simeu, ficando o romance apenas por concluir.» (*A Demanda do Santo Graal e o ciclo*, p. 99. Veja-se também p. 93ss.). Segundo este autor, só a parte final da *Estoire* revela um conhecimento profundo do *Lancelot en prose*. Sobre o carácter relativamente tardio desta última parte da *Estoire*, veja-se também Ana Sofia LARANJINHA, «Le temps de l'écriture dans le cycle arthurien en prose: sur le rapport entre un épisode de l'*Estoire del Saint Graal* et la première phase de rédaction du *Tristan*», in: *Temps et mémoire dans la littérature arthurienne. Congrès de la Branche Arthurienne Roumaine*, Bucarest: Université de Bucarest et Centre d'Etudes Médiévales de l'Université Bucarest (no prelo). Michelle SZKILNIK, no estudo *L'archipel du Graal. Étude de l'Estoire del Saint Graal*, Genève: Droz, 1991, p. 1, refere quase exaustivamente os estudos que trataram a questão complexa da datação deste romance e defende, na esteira de Albert Pauphilet e Jean Frappier, o carácter tardio da *Estoire*. Jean-Paul PONCEAU, na introdução à sua edição deste romance,

- aborda o mesmo problema, defendendo a sua anterioridade relativamente à *Queste del Saint Graal* (cf., «Introduction» in: *Estoire*, p. XIII).
- 40 Cf., *Estoire*, p. 565 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 372.
- 41 Cf., *Estoire*, p. 572 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 376.
- 42 «A côté du cognomen patronymique (ou matronymique) indiquant la filiation généalogique, le cognomen toponymique opérait une fusion métonymique entre le nom de la famille et son droit de propriété héréditaire» (R. Howard BLOCH, *Étymologie et généalogie. Une anthropologie littéraire du Moyen Âge français*, Paris: Seuil, 1989, p. 107.) Sobre a relação entre memória, agnatismo, fixação num território e adopção de um *cognomen*, cf., Georges DUBY, «Structures de parenté et noblesse dans la France du Nord aux XI^e et XII^e siècles», in: *Hommes et structures du Moyen-Âge*, Paris/La Haye: Mouton, 1973, p. 274-275.
- 43 Note-se a referência, repetida, ao facto de o casamento com a filha do rei implicar a posse da terra da mulher e o abandono da terra herdada do pai («[...] aquele se partio da Gramde Bretanha e deu a hũu seu yrmão sua terra e veose a Guauilla e tomou a filha de EllRey Maurouer por molher por omde ouue a terra de Gauilla [...] e ouue hũu filho que ouue nome Lamçarote que se partyo de Gaula e tornouse a Gram Bretanha e tomou por molher a filha de EllRey de Yrlamda e ouue a terra que foy de seu padre [...]», *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 376). O facto de a terra ser herdada por via feminina, porém, não anula o carácter patrilinear desta linhagem.
- 44 Cf., *Estoire*, p. 488 e *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 329-330.
- 45 «Quando Josefes foy morto Elaim se partyo logo de Galeforte e levou comsygo seus Jrmãos que erã casados afora hũ soo que ã se casar nõ outorgou que avya nome Josues. Aquele nõ tynha aynda molher e era hũ dos bõs cavaleyros do mũdo e ho que mays amava Elaim de todos seus Jrmãos», (*The Portuguese book of Joseph of Arimathea*, p. 368).
- 46 Para uma apresentação sucinta das duas primeiras fases de redacção do *Tristão em Prosa*, veja-se A.S. LARANJINHA, «Métamorphoses de la fontaine dans le Tristan en prose: de Luce del Gaut à Hélie de Boron», in: *Actes du 22^e Congrès de la Société Internationale Arthurienne*, 18 Juillet, Session 2-L144. Para uma apresentação mais pormenorizada das primeiras fases e das seguintes, cf., *idem*, *Artur, Tristão e o Graal*.
- 47 Já referi a cena correspondente na *Estória do Santo Graal*. No *Tristão*, o redactor parece utilizar o *Joseph* de Robert de Boron («The Modena text of the Prose Joseph d'Arimateia», p. 337-338) e também a *Estoire* (p. 488-489). Como no primeiro texto, é a José de Arimateia, seu cunhado, e não a Josefes que Bron se dirige; como no segundo, a mulher de Bron está ausente (não é mencionada na *Estoire*; já morreu no *Tristão em prosa*), ao contrário do que acontecia na cena do romance de Robert de Boron, em que a personagem feminina era fundamental; como no segundo, ainda, o guardião do Graal interroga os doze jovens directamente, enquanto no *Joseph* era Bron que interrogava os próprios filhos de acordo com as orientações de José de Arimateia. A meu ver, portanto, P. H. CORONEDI não deveria filiar apenas no *Joseph d'Arimateia* este episódio do *Tristan*. Cf., «La leggenda del san Graal nel romanzo in prosa di Tristano», *Archivum Romanicum*, 15, 1931, p. 84-86. Tendo em conta a complexidade da tradição manuscrita dos ciclos arturianos, que as versões editadas não reflectem, não é de descartar que uma versão desconhecida de um ou de outro dos romances referidos tenha sido utilizada pelo redactor tristaniano.
- 48 «'Coment! ce dit Joseph, ne veus tu pas estre desoz mon chastiment ausi cum sunt ti autre frere tuit?' 'Sire, fait il, oil, de totes choses veil je bien ovrer a vostre volenté, fors que de feme prendre solement. Mes de cele chose voudrai je ovrer a mon sens.' 'Or t'en coviegne bien, fait Joseph; puis que tu veus faire a ta volenté, je m'en soferrai. Mes je dout que tu en la fin ne t'en repentes'»(CURTIS (ed.), *Le roman de Tristan en prose*, 1, 3, p. 40).
- 49 Vários autores defenderam já que a pré-história tristaniana anuncia o destino de Tristão e Iseu. Cf., J. P. TRAXLER, «Observations on the importance of the prehistory in the *Tristan en prose*», *Romania*, 108, 1987, p. 539-548; E. J. MICKEL, «Tristan's ancestry in the *Tristan en prose*», *Romania*, 109, 1988, p. 68-89; P. GRACIA, «La prehistoria del *Tristan en prose* el incesto», *Romania*, 111, 1990, p. 385-398; Jean-Marc PASTRÉ, «Le passe éclaire le présent: les ascendants du héros dans le *Tristan en prose*», in: Christine FERLAMPIN-ACHER et Denis HÜE (dir.), *Lignes et lignages dans la littérature arthurienne. Actes du 3^e colloque arthurien réalisé à l'Université de Haute-Bretagne 13-14 octobre 2005*, Rennes, P.U.R., 2007, p. 47-56.
- 50 Cf., R. CURTIS (ed.), *Le roman de Tristan en prose*, 1, 7, p. 42.
- 51 As semelhanças entre Canor, rei da Cornualha e Marc, seu longínquo descendente, são inequívocas e contribuem para reforçar o mau carácter do tio de Tristão. Cf., A. S. LARANJINHA, *Artur, Tristão e o Graal*, p. 284-293.
- 52 Cf., R. CURTIS (ed.), *Le roman de Tristan en prose...*, 1, 121, p. 86.

53 Linearidade, temporalidade, verticalidade, continuidade são alguns dos princípios fundamentais que norteiam a construção linhagística, como afirma R. Howard Bloch (cf., *Étymologie et généalogie*, p. 113-117).

54 Este regresso ao paganismo tem o seu quê de absurdo, uma vez que Chelinde, apesar de casada com dois pagãos, tinha resistido sempre, pelo menos interiormente, a renegar o cristianismo (cf., *ibid.*, p. 46), até ao momento em que encontra de novo o marido. As referências espirituais e morais dos protagonistas da pré-história tristaniana parecem tão confusas como a labiríntica floresta onde todos se perdem.

55 Sobre as consequências, na definição das personagens régias, dos equívocos da pré-história tristaniana, cf., A.S. LARANJINHA, *Artur, Tristão e o Graal*, p. 335ss.

56 «[...] en l'entree de ces deus roiaumes» (CURTIS (ed.), *Le roman de Tristan en prose*, 1, 143, p. 95).

57 Todos os seus parceiros são sepultados no mesmo templo, com excepção de Apolo, seu filho, que ainda vive. Luce, filho de Pelias e rei do Léonois, também sepultado no mesmo templo, é o único que não foi seu amante.

58 Num trabalho polémico, Tony HUNT defendeu que Thomas reescreve o mito tristaniano como um *exemplum* cujo principal objectivo é apresentar as consequências trágicas do amor terreno («The significance of Thomas's *Tristan*», *Reading Medieval Studies*, 7, 1981, p. 41-61) e confirmou-o, alguns anos mais tarde, num artigo em que discute a inclusão de algumas ilustrações do *Tristan* num manuscrito monástico, que apenas contém textos edificantes («The Tristan Illustrations in MS London BL Add. 11619», in: *Rewards and punishments in the Arthurian romances and lyric poetry of Mediaeval France*, Peter V. DAVIES e Angus J. KENNEDY (ed.), Cambridge: D. S. Brewer, 1987, *Arthurian Studies* 18, p. 45-60). A primeira fase de redacção do *Tristan en Prose* é sem dúvida mais um exemplo de recepção moralizante da narrativa tristaniana. A propósito da pré-história tristaniana, Jean-Marc PASTRÉ fala de uma visão do mundo «*pessimiste et cléricale*». Cf., art. cit., p. 47.

59 R. Howard Bloch, *Étymologie et généalogie*, p. 284-285.

Pour citer cet article

Référence électronique

Ana Sofia LARANJINHA, « Linhagens arturianas na Península Ibérica: o tempo das origens », *e-Spania* [En ligne], 11 | juin 2011, mis en ligne le 09 juin 2011. URL : <http://e-spania.revues.org/20317>

À propos

Ana Sofia LARANJINHA

Universidade do Porto / Instituto de Filosofia,

Seminário de Literatura, Pensamento e Sociedade, AILP (GDRE 671 du CNRS)

Droits d'auteur

© e-Spania

Sumário / Résumé

No ciclo arturiano em prosa, representado em Portugal por vestígios importantes, embora fragmentários, todos eles pertencentes ao ciclo do Pseudo-Boron, a linhagem assume uma importante função legitimadora. Entre os romances que constituem o ciclo, a *Estória do Santo Graal* e o *Tristão em Prosa* na sua parte inicial (a chamada pré-história tristaniana) remontam à origem, por um lado, das linhagens marcadas pelo carisma divino que desembocarão no herói do Graal, e por outro, da genealogia maldita de Tristão e do rei Marc, que anunciam o destino trágico dos amantes da Cornualha. Na *Estória do Santo Graal*, das três linhagens escolhidas, duas são herdadas de obras anteriores e passam para segundo plano face à que se inicia com o primeiro cavaleiro cristão, a linhagem cavaleiresca por excelência e a única rigorosamente agnática. Na pré-história tristaniana, pelo contrário, as aventuras dos antepassados de Tristão inauguram uma espécie de anti-linhagem que contraria os princípios da linearidade e da progressão temporal, fundando na desordem as origens do amante de Iseu.

Palavras chaves : Demanda do Santo Graal, Estória do Santo Graal, Graal, incesto, linhagem, pré-história tristaniana, Pseudo-Robert de Boron, romance arturiano, Tristan en prose

Dans le roman arthurien en prose, représenté au Portugal par des manuscrits presque toujours fragmentaires mais relativement nombreux, appartenant au cycle du Pseudo-Boron, le lignage est une source de légitimation essentielle. Parmi les romans qui constituent le cycle, l'*Estoire del Saint Graal* et le *Tristan en prose* dans sa partie initiale (la pré-histoire tristanienne) remontent d'une part à l'origine des lignages marqués par le charisme divin qui aboutiront au héros du Graal et, d'autre part, à celle de la généalogie maudite de Tristan et du roi Marc, qui annonce le destin tragique des amants de Cornouaille. Dans l'*Estoire del Saint Graal*, parmi les trois lignages choisis, deux sont hérités d'ouvrages précédents et passent au second plan face à celui qui débute par le premier chevalier chrétien, Nascião, lignage chevaleresque par excellence et le seul qui soit rigoureusement agnatique. Dans la pré-histoire tristanienne, au contraire, les aventures des ancêtres de Tristan inaugurent un « anti-lignage » qui viole les principes de linéarité et de progression temporelle et bâtit sur le désordre les origines de l'amant d'Iseut.

Mots clés : roman arthurien, Tristan en prose, Queste del Saint Graal, Pseudo-Robert de Boron, pré-histoire tristanienne, lignage, incesto, Graal, Estoire del Saint Graal